UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO

**SOBREA CRIAÇÃO DO HOSPITAL SANTA TERESA DE RIBEIRÃO PRETO:
OUTRAS RAÍZES DE UMA HISTÓRIA**

Jacileide Guimarães

Ribeirão Preto
2001

Jacileide Guimarães

**SOBRE A CRIAÇÃO DO HOSPITAL SANTA TERESA DE RIBEIRÃO PRETO:
OUTRAS RAÍZES DE UMA HISTÓRIA**

Dissertação vinculada à linha de pesquisa "Enfermagem Psiquiátrica: o doente, a doença e as práticas terapêuticas" do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem Psiquiátrica do Departamento de Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, para a obtenção do Título de Mestre em Enfermagem Psiquiátrica.

Ribeirão Preto

2001

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO

**SOBREA CRIAÇÃO DO HOSPITAL SANTA TERESA DE RIBEIRÃO PRETO:
OUTRAS RAÍZES DE UMA HISTÓRIA**

Autora: Jacileide Guimarães
Orientadora: Profa. Dra. Maria Cecília Puntel de Almeida

Ribeirão Preto – Primavera de 2001

Capa

Pacientes da primeira turma do Hospital Santa Teresa de Ribeirão Preto, transferidos do Hospital de Juqueri em São Paulo, em 29 de fevereiro de 1944. Fotografias do Arquivo do Hospital Santa Teresa de Ribeirão Preto, 2001.

FICHA CATALOGRÁFICA

Guimarães, Jacileide
Sobre a Criação do Hospital Santa Teresa de Ribeirão Preto: outras raízes de uma história
Ribeirão Preto – SP, EERP – USP, 2001.

Dissertação de Mestrado, apresentada à Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto – USP, Departamento de Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas.

Orientadora: Almeida, Maria Cecília Puntel de

1. História da Psiquiatria; 2. Psiquiatria; 3. História.

UMA DEDICATÓRIA EM TRÊS DIMENSÕES

Dedico aos meus pais,
como reconhecimento por
ter "dado estudo" a mim,
as minhas irmãs e irmãos.

Dedico *in memoriam*
aos moradores "criadores" do
Hospital Santa Teresa de Ribeirão Preto.

Dedico as três Teresas – exemplos de vida
pelas causas dos "descalços" – que
acredito, estiveram comigo decisivamente,
nesse percurso, também:
– Teresa de Ahumada y Cepeda (1515-
1582, Espanha): **a Santa Teresa de Ávila;**
– Maria Francisca Teresa Martin (1873-
1898, França): **a Santa Teresinha do
Menino Jesus e da Sagrada Face ou
Santa Teresa de Lisieux;**
– Agnes Gonxá Bojaxhiu (1910-1997,
Yugoslávia): **a Madre Teresa de Calcutá.**

AGRADECIMENTOS

Parafraseando Michel de Certeau, digo que não tenho bastante imaginação ou modéstia para ser atéia. E acredito também numa estrita economia do universo, cujo enigma maior é a dor. E uma vez que há dor, é preciso que Deus exista.

Angela Senra, 1983.

Agradeço a Deus.

Agradeço a uma legião de Santas e Santos nos quais eu renovo a minha fé. Destaco, Sant'Ana, Santa Luzia, Santa Teresa de Ávila, Santo Expedito (Hodie!) e São Sebastião (de Ribeirão Preto). E claro! Ao meu Anjo da Guarda, querido;

à minha família, especialmente, o amor e a alegria a mim dispensados por Guimarães Neto e Clarissinha – meus sobrinhos – sempre perguntando: "Você vem amanhã?"

à força sempre presente da Professora Doutora Soraya Maria de Medeiros, amiga e companheira de longa data nos caminhos da pesquisa em saúde, enfermagem, sociedade e cidadania. Suas contribuições em prol de um *pensamento crítico* andam comigo;

à Sara Brilhante (Sarita), pelo apoio espiritual, sua reza sempre tão poderosa;

à Vivian Brilhante, Marciano Gurgel, Simone Alli, Lenúzia Dantas, Bruno Alencar e Andrea Matias, enfermeiros da minha turma de graduação que nunca sumiram na poeira da distância e do tempo, mas cada um em um lugar diferente desse grande Brasil, sempre mantiveram contato, com carinho e gotas preciosas de otimismo;

à Robson Braga, cientista social, conterrâneo/contemporâneo na experiência paulista;

à minha Orientadora, Professora Doutora Maria Cecília Puntel de Almeida, pela companhia sempre serena e, principalmente, pela generosidade em compreender os meus recuos e as minhas demoras para apresentar resultados menos telegráficos. Sem a sua orientação eu teria naufragado, enamorada, nos tantos montes curtidors de reportagens e fotografias de décadas passadas. Devo-lhe, agora, o meu agradecimento pelos momentos possíveis desse trabalho e vou continuar lhe devendo as brechas hoje impossíveis para mim, o que não consegui "desvirtualizar";

ao Professor Doutor Edgar Salvadori de Decca, historiador da Unicamp, que tão bem me recebeu na sua disciplina naquela Universidade. E que veio, participar do meu Exame de Qualificação, trazendo na bagagem uma série de observações, sem as quais esse trabalho seria mais custoso e menos prazeroso. E também estive conosco no Seminário "Fundamentos da História na Pesquisa em Saúde", trazendo valiosos apontamentos sobre historiografia e sociedade, com isso aplainando os íngremes caminhos do enfermeiro nas ciências humanas e sociais;

às professoras, amigas e companheiras nesta Escola: Toyoko Saeki, Márcia Bucchi e Maria Conceição Bernardo de Mello e Souza, sempre presentes, acolhedoras e dispostas para o debate sobre o "Santa" e sobre os "altos e baixos" da vida;

à Professora Cecília Scatena (Cila), pelo bate-papo agradável, quando o Santa Teresa, a Professora Maria Aparecida Minzoni (Tida) e o Professor Luiz Cerqueira (Cerqueirinha) eram o epicentro da conversa. Também com a professora Cila, participei do Programa de Aperfeiçoamento de Ensino (PAE), na disciplina de Integração junto ao pessoal da turma A-2 do primeiro ano (2001), com os quais pude compartilhar as suas angústias e medos sobre a nossa profissão, que em parte, eram também, as minhas angústias e medos. Agradeço, também, a companhia dessa turma;

aos demais docentes do EPCH, pela convivência em prol de orientações e esclarecimentos acerca de melhores condições de vida e de pesquisa na Escola e em Ribeirão Preto, especialmente, Renata Curi Labate;

às secretárias(os) do EPCH e do MISP: Josilene, Adriana (MISP), Olânia, Andréia, Augusto, e em especial, Adriana (EPCH) e Edilene, pela precisão com que nos "assessoram" nesta Escola;

à Cristiane Gramani Say, que me auxiliou preciosamente nas consultas aos "livrões" do Arquivo dos pacientes dos cinco primeiros anos de funcionamento do Santa Teresa;

à Deolinda, pela atenção com que nos cede as obras da Sala Glete. À grande Lourdes, que além do mais, sempre me fez sorrir com o seu bom humor e o seu cafezinho;

ao pessoal da SPG: Kethleen, Sandra, Marta e Sônia pelo bom trabalho de "assentamento" do pós-graduando nesta Escola;

ao pessoal do SeDoc (confecção de material didático), pela gentileza com que me auxiliaram para obtenção de algumas das ilustrações desse trabalho;

à Marta do xerox, que sempre compreendeu o meu desespero pela urgência na reprografia de materiais importantíssimos ao estudo, e agiu prontamente;

aos meus colegas de ingresso no Mestrado e companheiros dos outros departamentos, devo agradecimentos em pesos e medidas diferentes, mas que contribuíram para que eu pudesse, como diz Adriana Calcanhoto: "ser mais feliz": Leila Hildebrandt, Rozimere Cardozo, Divane de Vargas, Dulce Martins, Sandra Leite, Elizabeth Cardoso, Guta Azevedo, Isabel Bento, Annecy Giordani, Luci Raspante, Cida Vieira, Sueli Serra, Simone Protti, Maria Cândida, Polliana Capocci, Bel de Uberaba, Catarina Sales, Susana Muñoz, Ana Durão, Ruth Trindade, Marcílio, Kátia Moreira, Auxiliadora, Manuel, Yolanda, Clara e Clarínia;

às colegas "de área" que conheci no último ano desse trabalho, mas que, em conversas sobre a Saúde Mental no Brasil, contribuíram para reflexões e aprendizados: Christine Wetzel e Luciane Kantorski;

ao pessoal do Arquivo Público de Ribeirão Preto – Casa da Memória: Tânia, Mauro e Beatriz. Vocês, com a sua boa disposição e apoio, deram uma força renovadora, nas conversas que travamos e nos contatos pertinentes que nos viabilizam a respeito do objeto de estudo. Além do entrosamento agradável que o ambiente do Arquivo favorece aos seus frequentadores, sempre apaixonados pelas suas fontes primárias; e a Tânia, particularmente, agradeço também, pela confecção das fotografias trazidas nesse estudo;

ao pessoal do Santa Teresa: Cidinha Senna, Zizi, D. Antônia, Rita, Cristina, Vera Lima, Valéria Pereira. Ao pessoal do SAME (do Arquivão) Lourdes, Nilce, Edilene, Arlete, Maria José, Adilson e Dorival. Sem vocês, não haveria, como está, este trabalho. Mas agradeço, principalmente, pelas conversas informais, os risos e confabulações oriundos da alegria de reverem as fotografias do arquivo do Hospital. Quanta admiração, quanta recordação... e o encanto de se rever em uma fotografia p&b da festa junina da década de 60 ou 70, alguns "já partiram", outros "eram tão jovens". Obrigada pelo que vocês me proporcionaram também... e não foi pouco, foi uma alegria fazer parte da "reconstrução" de suas lembranças: "A mão segura a foto e o olhar se fixa nela. Reencontram-se os rostos dos amigos desaparecidos. E o próprio rosto também, surpreso em se rever antes das devastações do tempo. Eu era assim? E o que eu pensava naquela época? Mudei? Ou estava tudo 'posto' desde o começo?" (Gérard Vincent);

à Carminha e Camilo, que toleraram pacientemente as minhas manifestações de amor, que diga-se de passagem, variaram de elogios a insultos;

às meninas da Amador Bueno – que agora é também a "minha rua" – pela companhia e apoio com que, a partir de 9 de julho, temos vivido o "Clube da Alegria e da Boa Sorte": Roseli Montes, Rosana Aparecida de Freitas e Cláudia Frutuoso;

à Dífne (Cafofa) que "com" Mahalia Jackson, Lhasa, Mercedes Sosa, Elis, Nara, Madreus, Tito Puente, Gloria Gaynor, Piazzola, Piaf, Mathie, Bocelli, Dulce Pontes, Belchior, Clara Nunes ("coisa da antiga"), as Divas e, tantas outras belas canções, me receberam quando eu mais precisava ouvi-las;

à CAPES pelo apoio financeiro à Pesquisa, muito obrigada;

aos que não estão aqui por limitação da minha memória, mas que nem por isso deixam de ter sido fundamentais, cada um do seu jeito, com a sua contribuição necessária, precisa e agradável: obrigada.

Marco Polo descreve uma ponte, pedra por pedra.
– Mas qual é a pedra que sustenta a ponte? – pergunta Kublai Khan.
– A ponte não é sustentada por esta ou aquela pedra – responde Marco – , mas pela curva do arco que estas formam.
Kublai Khan permanece em silêncio, refletindo.
Depois acrescenta:
– Por que falar das pedras? Só o arco me interessa.
Polo responde:
– Sem pedras o arco não existe.

Ítalo Calvino, 1990.

Durante dois, três anos – nem sei mais –, enchi de anotações dezenas de milhares de pequenos retângulos de papel que ia acumulando em caixas. Apanhava alguns de tempos em tempos e os dispunha sobre a mesa, como num extravagante deitar propiciatório de cartas, esperando que de sua aproximação surgisse alguma revelação. Esta busca do sentido é um jogo cativante cujos encantos assemelham-se aos da exploração, da investigação e até da adivinhação, e posso perfeitamente entender que alguém se deixe envolver nele. Para mim, foi a parte fastidiosa da empreitada. Mas às vezes uma lufada de satisfação vinha-me consolar de minhas penas: umas vintena de peças dispersas imbricavam-se umas nas outras, e de uma hora para a outra toda uma extensão do quebra-cabeça se recompunha. Mas quantas hesitações, e erros também!

Georges Duby, 1993.